

COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E NECESSIDADE DE INTERAÇÃO ENTRE BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES NO CONTEXTO ESCOLAR

Francisca Rosaline Leite Mota*

* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Ciência da Informação pela UFMG. Docente da UFMG. E-mail: rosalinemota@eci.ufmg.br

I INTRODUÇÃO

Atualmente percebemos uma tentativa de redimensionamento das atividades com vistas a uma mudança prática e, não só teórica, na concepção do que seja escola. Novos termos se agregam e hoje escutamos falar de “escola plural”, “escola dinâmica”, “escola viva”, “nova escola”¹, etc. Contudo, inobstante a abundância de tais termos, se faz necessário a existência de maior clareza do papel exercido pela escola em nossa sociedade.

A biblioteca, quando inserida no contexto escolar, possui como um de seus principais objetivos ser uma ferramenta que auxilie e facilite o processo de ensino-aprendizagem. Faz-se necessário a existência de um esforço de interação e cooperação entre professores e bibliotecários no sentido de proporcionar aos alunos maior qualidade dos serviços oferecidos. Fazendo com que, deste modo, os alunos possam vê-la como um espaço não de cunho educacional formal, rígido e inflexível, mas, como um espaço recreativo, prazeroso e agradável capaz de estabelecer laços com o real e o imaginário e, sobretudo, proporcionar uma maior interatividade com a sociedade e com o mundo que os cerca.

Neste sentido, o texto apresenta algumas considerações acerca do que seja a escola enquanto instituição de ensino, enfocando a questão cultural

que permeia suas relações com a sociedade. Aborda ainda a inserção da biblioteca no ambiente escolar e a necessidade de que se estabeleçam diálogos constantes e permanentes entre professores e bibliotecários no intuito de desenvolver a competência informacional de todos os usuários da informação.

2 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL²

2.1 À guisa de conceituação

De acordo com Dudziak (2001), o termo *Information Literacy*³ surgiu pela primeira vez na literatura no relatório elaborado pelo bibliotecário Paul Zurkowski (1974) e intitulado “*The information service environment relationships and priorities*”. Dudziak (2001) em sua dissertação de mestrado apresenta uma revisão histórico-conceitual do termo, ressaltando como a compreensão do mesmo tornou-se cada vez mais ampla da década de 70 até os dias atuais.

Bruce (2002) esclarece que a expressão Competência Informacional originou-se em meio ao surgimento da Sociedade da Informação que se caracteriza pelo rápido crescimento da informação disponibilizada e as mudanças ocasionadas pela

¹ Termos utilizados na realidade brasileira.

² Capítulo da autora baseado em dissertação de mestrado intitulada “Prontuário Eletrônico do Paciente: estudo do uso feito pela equipe de saúde do centro de saúde Vista Alegre”.

³ O termo *Information Literacy* é traduzido como Competência Informacional. Por todo o texto será utilizada a forma traduzida.

tecnologia usada no processo de geração, disseminação, acesso e uso da informação. Dudziak (2001) diz que a Competência Informacional surgiu no âmbito da Biblioteconomia, mas, ainda não existe unanimidade em torno do significado da expressão, sendo tida algumas vezes como sinônimo para educação de usuários. Contudo, Kuhlthau (1997) esclarece que:

As habilidades de uso da biblioteca preparam os estudantes para localizar os materiais numa biblioteca. Informação os prepara para aprender num ambiente rico em informação. A Information Literacy abrange o aprendizado ao longo da vida e a aplicação das habilidades informacionais ao dia a dia.

Bruce (2002) afirma que entender o processo de Competência Informacional é fundamental na sociedade contemporânea que se encontra em contínua mudança tecnológica. E que tal processo não se restringe ao simples uso da tecnologia, mas que vai além e compreende práticas de informação que repercutem na vida pessoal, social e profissional dos indivíduos, independentemente da idade dos mesmos.

De acordo a *Open University* (2003) a Competência Informacional pode ser entendida como uma habilidade que envolve a possibilidade de usar com sucesso a informação, incluindo a busca por meio de várias ferramentas (internet, bases de dados, etc.) incluindo nessa análise a crítica das informações recuperadas.

Nesta mesma linha de raciocínio, Dudziak (2001, p.143) após realizar um intenso trabalho sobre o processo de Competência Informacional, propôs a seguinte definição:

[...] é o processo contínuo de internalização dos fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Os objetivos da Competência Informacional segundo Dudziak (2003, p.28-29) consistem em formar indivíduos que:

- Saibam determinar a natureza e a extensão de sua necessidade de informação como suporte a um processo inteligente de decisão;

- Conheçam o mundo da informação e sejam capazes de identificar e manusear fontes potenciais de informação de forma efetiva e eficaz;
- Avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos;
- Usem e comuniquem a informação, com um propósito específico, individualmente ou como membro de um grupo, gerando novas informações e criando novas necessidades informacionais;
- Considerem as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados bem como, aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos extrapolando para a formação da inteligência;
- Sejam aprendizes independentes;
- Aprendam ao longo da vida.

Dudziak (2001) afirma que, que a Competência Informacional possui como característica a transdisciplinaridade e incorpora um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos e valores pessoais e sociais, tendo ainda a característica de se constituir enquanto um processo de aprendizagem contínua que envolve informação, conhecimento e inteligência e permeia qualquer processo de criação, resolução de problemas e/ou tomada de decisões.

2.2 Abordagens da competência informacional

De acordo com Dudziak (2001) existem três abordagens ou concepções da Competência Informacional:

Concepção ou nível da informação: ênfase na tecnologia da informação – neste nível a Competência Informacional está ligada ao aprendizado voltado às questões de cunho tecnológico, ou seja, no aprendizado de habilidades de operação e comunicação por meio de computadores, na compreensão do funcionamento de equipamentos (*hardware*), seus programas (*softwares*) e aplicações e ainda a produção, organização, disseminação e acesso de forma automatizada com vistas a resolver problemas por meio do uso da tecnologia. Para Dudziak (2000) considerar a Competência Informacional apenas nesse nível é reduzi-la ao simples aprendizado de habilidades e conhecimentos instrumentais, praticamente mecânicos.

Concepção ou nível do conhecimento: ênfase nos processos cognitivos – neste nível a Competência Informacional está relacionada ao processo de busca da informação para a construção do conhecimento. Busca-se neste sentido, não só respostas para perguntas, mas, sobretudo, a interpretação e o significado de tais respostas. Assim, os sistemas de informação são examinados à maneira como são percebidos pelo indivíduo.

Concepção ou nível da inteligência: ênfase no aprendizado no longo da vida – nesse nível os autores estudados por Dudziak, relacionam a Competência Informacional com o aprendizado, englobando não só conhecimentos e habilidades como também a noção de valores atrelada à dimensão social do indivíduo. Tais valores incluem a ética, a autonomia, responsabilidade, criatividade, pensamento crítico, o aprender a aprender. Tudo isto com ênfase ao cidadão enquanto ser social.

Nesta perspectiva, entende-se que o nível da inteligência é o que corresponde mais fielmente aos objetivos da Competência Informacional. O ideal é trabalhar para que os indivíduos consigam chegar a este nível. Contudo, dependendo da forma como isto é trabalhado pelo indivíduo e junto ao indivíduo, pode-se conviver com sujeitos que se enquadram nos três níveis acima. A Escola exerce papel fundamental no processo evolutivo de tais níveis.

É importante atentar para o fato de que o uso da tecnologia, por si só, não resolverá todos os problemas ainda existentes e nem muito menos desmistificará esta imagem tida de tais profissionais. A tecnologia é um apoio precioso, no entanto, o desenvolvimento do aprendizado ao longo da vida, ou seja, o processo de Competência Informacional se faz cada vez mais necessário e, em muitos casos, independe da mesma.

3 A ESCOLA

A escola pode ser entendida como um dos principais espaços de integração cultural, pois, é nele que, são estabelecidas várias relações entre indivíduos e sociedade. Bourdieu (1979) afirma que a maioria das competências dos indivíduos são reconhecidas pelo sistema escolar e que, boa parte das técnicas empregadas para mensurar tais competências, são “escolares”. Assim, a aquisição do capital intelectual do sujeito está diretamente ligada ao número de anos passados na escola e aos títulos adquiridos no decorrer deste período. Contudo,

O que os indivíduos devem a escola é, sobretudo um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns. Embora os homens cultivados de uma determinada época possam discordar a respeito das questões que discutem, pelo menos estão de acordo para discutir certas questões (BOURDIEU, 1982, p.207).

A escola pode ser entendida como uma instituição sócio-cultural, organizada e pautada por valores, concepções e expectativas, onde seus membros são vistos como sujeitos históricos, culturais que relacionam suas idéias acordando ou contrapondo-se aos demais. E talvez, devido a estas discordâncias e consensos que a humanidade realiza grandes descobertas e evolui.

4 BIBLIOTECA ESCOLAR

As bibliotecas de modo geral vêm deixando de se constituírem enquanto espaços estáticos, fechados e silenciosos, onde as pessoas se enclausuram para realizar seus estudos e leituras, e estão passando a se constituir enquanto espaço dinâmico, interativo e em permanente construção.

A realidade das bibliotecas brasileiras quer sejam universitárias, públicas e principalmente escolares, é considerada preocupante. Ao se abordar a temática da biblioteca escolar no Brasil, é necessário que, um olhar cuidadoso seja lançado em direção ao contexto sócio-econômico, político e cultural do país.

Autores como Valentim (2000), Silva (1995) trazem à tona vários problemas, já considerados históricos, que envolvem as bibliotecas escolares na realidade brasileira. Dentre os quais podemos citar: falta de políticas públicas no sentido de potencializar a criação, manutenção de bibliotecas escolares e contratação de profissionais qualificados para desempenharem as funções que são demandadas por bibliotecas desta natureza. É clássico o exemplo de professores que ao serem afastados da sala de aula, por motivos de saúde ou até mesmo de relacionamento com seus pares ou alunos, são impelidos a atuar na biblioteca escolar, muitas vezes exercendo o papel de meros vigilantes ou guardiões do acervo. Este pode ser considerado como agravante, que faz com que alunos e a

sociedade passem a ter uma imagem cada vez pior da biblioteca escolar.

Algumas iniciativas já se fazem presentes objetivando melhor definir as funções e objetivos da biblioteca escolar e deste modo embasar o debate sobre esta temática. No manifesto da UNESCO/IFLA sobre a biblioteca escolar, é dito que esta possui como uma de suas funções básicas proporcionar ao aluno competências para o aprendizado ao longo de sua vida e ainda contribuir para o desenvolvimento de sua imaginação permitindo que os mesmos adotem postura e conduta de cidadãos responsáveis.

No Manifesto são apresentados os principais objetivos da biblioteca escolar:

- respaldar y realizar los objetivos del proyecto educativo del centro escolar y del plan de estudios;
- inculcar y fomentar en los niños el hábito y el placer de la lectura, el aprendizaje y la utilización de las bibliotecas a lo largo de toda su vida;
- ofrecer oportunidades para realizar experiencias de creación y utilización de información a fin de adquirir conocimientos, comprender, desarrollar la imaginación y entretenerse;
- prestar apoyo a todos los alumnos para la adquisición y aplicación de capacidades que permitan evaluar y utilizar la información, independientemente de su soporte, formato o medio de difusión, teniendo en cuenta la sensibilidad a las formas de comunicación que existan en la comunidad;
- facilitar el acceso a los recursos y posibilidades locales, regionales, nacionales y mundiales para que los alumnos tengan contacto con ideas, experiencias y opiniones varias;
- organizar actividades que estimulen la concienciación y la sensibilización en el plano cultural y social;
- trabajar con el alumnado, el profesorado, la administración y las familias para realizar el proyecto educativo del centro escolar; proclamar la idea de que la libertad intelectual y el acceso a la información son fundamentales para ejercer la ciudadanía y participar en una democracia con eficiencia y responsabilidad;
- fomentar la lectura y promover los recursos y servicios de la biblioteca escolar dentro y fuera del conjunto de la comunidad escolar. (MANIFESTO, 2004, p. 1).

A biblioteca escolar pode ser entendida como sendo uma instituição pertencente ao sistema social que não se caracteriza apenas por disponibilizar documentos ou recursos informacionais *on-line* e *off-line*, mas, que também é uma ferramenta que pode ser utilizada para auxiliar no desenvolvimento do currículo escolar, permitindo o fomento à leitura e uma formação, por assim dizer, mais consolidada do indivíduo enquanto cidadão.

5 BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES NO CONTEXTO ESCOLAR

Segundo Campello (2003) a função educativa da biblioteca torna-se mais visível com o aparecimento dos Serviços de Referência e educação de usuários. A autora diz que a partir da década de 1960 (quando a biblioteca passou a sofrer influência das teorias educacionais vigentes, onde o foco passou do ensino centrado no professor para o ensino centrado no aluno) é que os bibliotecários perceberam que podiam contribuir e apoiar às estratégias didáticas que estavam em processo de configuração. Ao longo das décadas seguintes consolidou-se a preocupação por parte dos bibliotecários de promover a função pedagógica da biblioteca e colaborar com o processo de ensino-aprendizagem. Esta preocupação possui reflexo até os dias atuais. O grande desafio é fazer com que o aprendizado se desenvolva em um ambiente rico em informação. Desafio este que não pode ser enfrentado apenas pelo professor. A figura do bibliotecário torna-se essencial.

Kuhlthau (2002) em seu capítulo introdutório chama atenção para a integração do programa da biblioteca escolar com as atividades desenvolvidas na sala de aula e enfatiza a necessidade de envolvimento entre professores e bibliotecários no sentido de garantir o bom andamento do processo de ensino-aprendizagem.

Rockwell (2001, p.13) ressalta que

el docente establece puentes entre lo niños y los textos. Maestros y alumnos construyen interpretaciones cruzadas por convenciones escolares e saberes cotidianos, que rinden el texto más, o menos accesible.

Entende-se que do mesmo modo que o professor estabelece tais pontes entre os alunos e os textos, ele também é peça fundamental na relação que será estabelecida entre aluno e biblioteca e isto por que, entre outras coisas, na maioria das vezes,

tais textos serão disponibilizados pelas bibliotecas. Para tanto, se faz necessário que o professor também possua ou passe a construir uma trajetória de interação com a biblioteca e o bibliotecário. As questões da competência informacional no âmbito da educação são emergentes em nosso país e,

devem estar, portanto, inseridas no planejamento do projeto bibliotecário da biblioteca escolar, uma vez que constituem interface entre o desenvolvimento da competência em informação e o aprendizado ao longo da vida, processo que se inicia formalmente com a educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), ambiência por excelência das bibliotecas escolares (MACEDO, 2005, p.345).

No Manifesto da UNESCO/IFLA sobre a biblioteca escolar também é dito que, quando os bibliotecários e os docentes cooperam entre si, os alunos conseguem alcançar níveis mais altos de conhecimento, leitura, aprendizagem, solução de problemas e competências no que diz respeito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação.

Martinez e Calvi (1994) chamam atenção para a necessidade de uma cumplicidade entre professores e bibliotecários, no sentido de discutir e propor as autoridades políticas uma agenda concreta e realista de medidas criativas para o desenvolvimento de um ambiente escolar propício ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. A tarefa político-pedagógica da biblioteca escolar terá maior êxito com o apoio do professor. Sendo este o “principal artífice do processo de aproximação entre o aluno, a leitura e a biblioteca escolar” (SILVA, 1995, p.72).

O professor pode estimular nos alunos o gosto pela leitura e pela biblioteca quando frequenta a biblioteca escolar e, em parceria com o bibliotecário busca promover atividades que envolvam as disciplinas contempladas no projeto pedagógico. Kuhlthau (2002) apresenta um programa de atividades que visa desenvolver habilidades para o uso dos recursos informacionais da Biblioteca Escolar. Ressalta que as bases de tal programa devem levar em consideração a capacidade das crianças e jovens para usar os recursos informacionais em cada estágio de seu desenvolvimento cognitivo. Os alunos devem participar ativamente do programa e tanto o professor quanto o bibliotecário devem dar o suporte e a orientação necessária para o

desenvolvimento das atividades. A criança deve ser preparada para o uso da biblioteca, mas, antes de usar e interagir é necessário conhecer. Maricato (2005) afirma que quanto mais cedo a criança entrar em contato com histórias orais e escritas maiores serão as chances de ela gostar de ler. A realização de atividades como gincanas, ora do conto, atividades com textos poéticos, escolha de textos para leitura e narração de histórias, desenho, dramatização, uso de recursos audiovisuais (filmes, documentários, desenho animado), uso de jogos eletrônicos podem ser consideradas como importantes ferramentas para educar os usuários no uso dos recursos disponíveis na Biblioteca Escolar e fomentar o desenvolvimento de habilidades informacionais.

Em entrevista concedida a Revista Nova Escola, Perrotti (2006, p.24) diz que a Biblioteca Escolar:

não pode restringir-se a um papel meramente didático-pedagógico, ou seja, o de dar apoio para o programa dos professores. Há um eixo educativo que a biblioteca tem de seguir, mas sua configuração deve extrapolar esse limite, porque o eixo cultural é igualmente essencial. Isso significa trazer autores para conversar, discutir livros, formar círculos de leitores, reunir grupos de crianças interessadas num personagem, num autor ou num tema. A biblioteca funciona como uma ponte entre o ambiente escolar e o mundo externo .

Assim, cada vez mais, fica clara a idéia de que a interação entre professores e bibliotecários além de ser possível, é extremamente necessária ao processo de Competência Informacional dos educandos e de si mesmos. Pois,

[...] ser capaz de ler não define a literacia no complexo mundo de hoje. O conceito de literacia inclui a literacia informática, a literacia do consumidor, a literacia da informação e a literacia visual. Por outras palavras, os adultos letrados devem ser capazes de obter e perceber a informação em diferentes suportes. Além do mais, compreender é a chave. Literacia significa ser capaz de perceber bem idéias novas para as usar quando necessárias. Literacia significa saber como aprender (STRIPLING, 1992, p.1).

A necessidade de informação por parte de alunos e professores tem aumentado gradativamente. Daí ser imprescindível a presença

de um profissional qualificado, no caso o bibliotecário, para dar suporte a busca e recuperação dessas informações.

Fica claro que já não basta buscar e recuperar informações. É cada vez mais urgente e necessário que tais informações realmente possuam sentido para os usuários e sejam capazes de lhes proporcionar uma visão clara da sociedade e do mundo no qual estão inseridos.

Sabemos que vários são os fatores que contribuem para o hiato existente na comunicação entre bibliotecários e professores. Muitas vezes o professor nem sequer faz idéia do acervo existente na biblioteca e, isso claro, por *n* fatores, tais como falta de divulgação por parte dos bibliotecários, dos produtos e serviços oferecidos pela biblioteca; ausência de profissionais que exigem participação direta no instante da programação das atividades e conteúdos que serão tratados no decorrer do ano letivo; falta de interesse por parte dos professores, devido à ausência do hábito de ler que é uma questão até cultural do país, entre outras coisas.

Compreende-se que a existência desses empecilhos não deve ser motivo para desânimo e acomodação por parte dos bibliotecários, bem como dos professores e demais integrantes das instituições escolares. É necessário que o bibliotecário busque qualificação permanente através de cursos, participação em congressos, leitura e outros meios. E isto, não só no campo da Biblioteconomia, mas, sobretudo, na área com a qual está interagindo. Sabemos, que o currículo de Biblioteconomia no país ainda não oferece disciplinas específicas que visem formar o bibliotecário da biblioteca escolar enquanto educador. No entanto, sabemos também que tal formação pode ser buscada nas áreas de Letras, Pedagogia, Psicologia e outras por meio, por exemplo, da solicitação de disciplinas eletivas ou optativas. Não queremos, aqui, transferir a responsabilidade dos cursos de graduação em Biblioteconomia para os estudantes, mas tão

somente ressaltar que é preciso estar atento e disposto, desde a graduação, a enveredar pelos caminhos da educação continuada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioteca escolar, por sempre ter enfrentado e ainda continuar enfrentando cruéis desafios, constitui-se um espaço que deve ser cada vez mais pensado e assistido por parte das autoridades públicas governamentais. Mas, para tanto, o papel do bibliotecário reivindicador e consciente da importância de seu trabalho e do espaço da biblioteca escolar é essencial. Só assim ele poderá ter argumentos válidos e consolidados no momento de suas proposições e reivindicações. O professor precisa ter uma visão clara das possibilidades de utilização e da importância dos produtos e serviços oferecidos pelas bibliotecas escolares.

Especialmente na realidade brasileira, se faz necessário que haja um processo de comunicação cada vez mais ativo entre professores e bibliotecários, onde os mesmos possam apresentar e discutir as melhores formas de sanar suas necessidades e anseios e, conseqüentemente, alcançar seus objetivos. Desta forma, a imagem da biblioteca escolar passará de simples depósito de livros e outros materiais a de um espaço dinâmico e transformador da realidade sócio-cultural de seus usuários.

Por fim, acreditamos que,

Ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...], ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto (LOURENÇO FILHO, 1994 *apud* SILVA, 1995, p.66).

INFORMATION LITERACY AND THE NEED OF INTERACTION BETWEEN LIBRARIANS AND TEACHERS IN THE SCHOOL GROUND

Artigo recebido em 14.03.2006 e aceito para publicação em 21.06.2006

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ulisses F. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. *Educ. Pesqui.*, jul./dez. 2000, v.26, n.2, p.91-107.
- BOURDIEU, P. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Editions Minuit, 1979.
- CAMPHELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.
- CAMPHELLO, Bernadete; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. *Perspect. Ciênc. Inf.*, Belo Horizonte, v.10 n.2, p. 178-193, jul./dez. 2005.
- DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003
- DUDZIAK, Elisabeth Adriana. *A information Literacy e o papel educacional das bibliotecas*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2001. (Dissertação de mestrado).
- KUHLTHAU, C. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental*. Trad. e Adapt. por Bernadete Campello dos Santos et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- MANIFESTO UNESCO/IFLA sobre la biblioteca escolar. Disponível em: <<http://nuta.be.u.de.a.edu.co/~andrear/Manifiesto%20Unesco%20BibEscolares.htm>> Acesso em: 20 abr.2004.
- MARICATO, A. O prazer da leitura se ensina. *Revista Criança*. Brasília: Ministério da Educação, setembro de 2005. p. 18-26.
- MACEDO, Neusa Dias de. (Org.). *Biblioteca escolar brasileira: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: Senac; Conselho Regional de Biblioteconomia 8ª Região, 2005.
- MARTELETO, R. M. *Cultura, educação e campo social: discursos e práticas de informação*. Rio de Janeiro: UFRJ/IBICT, 1992. (Tese de Doutorado).
- MARTINEZ, L.; CALVI, G. *Biblioteca & escola criativa: estratégias para uma gerência renovadora das bibliotecas publicas e escolares*. Petrópolis: Autores e Agentes Associados, 1994.
- MENIN, Maria Suzana De Stefano. Valores na escola. *Educ. Pesqui.*, jan./jun. 2002, v.28, n.1, p.91-100.
- MODELO flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares. Brasília: Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares/FEBAB, 1985.
- MOTA, F.R.L. Bibliotecários e professores no contexto da biblioteca escolar: uma interação possível e necessária. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2, Belo Horizonte, 2004. *Anais...* Belo Horizonte, 2004.
- ROCKWELL, Elsie. Reading as a cultural practice: concepts for the study of schoolbooks. *Educ Pesq.* jan./jun. 2001, v.27, n.1, p.11-26.
- OPEN UNIVERSITY. Information Literacy (2003). *Glossary of information terms*. Milton Keynes: Open University. Disponível em: <<http://library.open.ac.uk/help/helpsheets/intglossary.html#I>>. Acesso em: 22 maio 2005.
- PERROTTI, E. Biblioteca não é depósito de livros. *Revista Nova Escola*. São Paulo: Editora Abril, junho/julho 2006, p.24-26.
- SILVA, W. C. *Miséria da biblioteca escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.
- STRIPLING, Barbara K.; ERIC, 1992. CTAP Information Literacy Guidelines K-12. Disponível em: <<http://ctap.fcoe.k12.ca.us/ctap/Info.Lit/Guidelines.html>>. Acesso em: 22 maio 2005.
- VIEIRA, Carlos Eduardo. Cultura e formação humana no pensamento de Antonio Gramsci. *Educ. Pesqui.* jan./jun. 1999, v.25, n.1, p.51-66.
- WEHMEYER, L. B. *The school librarian as educator*. Colorado: Libraries Unlimited, Inc., 1976.
- ZURKOWSKI, P. G. *Information services environment relationships and priorities*. Washington D.C. : National Commission on Libraries, 1974.